

DONA ZEFINHA: UMA HISTÓRIA DE VIDA COMPARTILHADA

JOSÉ MUNIZ FALCÃO NETO¹
RAFAELLA SUALDINI²

Sendo parte integrante do 1º edital *curta - duração - direitos humanos* (2018), financiado pelo canal Futura, o qual realizamos um filme documentário. A história que apresentamos é de Dona Zefinha, moradora da Aldeia Jaraguá, localizada no município de Rio Tinto-PB. A personagem é uma trabalhadora de reciclagens, onde coleta resíduos no lixão na cidade Marcação-PB, atividade que permite o sustento da sua família.

Ao explicar e negociar o uso de sua imagem, para ser exibida em um canal televisivo, foi que a convencemos da importância do trabalho e tivemos a permissão de realizarmos as filmagens, a edição e finalização do documentário. Pouco tempo depois do término e exibição do curta na Tv e nas suas plataformas digitais³, fomos informados que a personagem conseguiu sua aposentadoria. Aposentada, D. Zefinha conquistou seu direito e o sonho de ter uma vida digna⁴.

Com as conversações e diálogos com a interlocutora, percebemos que sua história de vida se enquadrava perfeitamente com o edital de *curta - duração - direitos humanos*. Aquele ano foi quando se enfatizou a discussão e institucionalização da reforma da previdência, e D. Zefinha, nos deixou bem claro da luta e esforço que vinha fazendo para conseguir sua aposentadoria, a qual tinha sido quatro vezes negada em suas tentativas, lhes tirando as esperanças de se aposentar. Ao percebermos este contexto, propusemos e negociamos com a colaboradora e sua família, de podermos através do cinema, retratar sua história e a luta pela aposentadoria.

Na realização deste trabalho coletivo, eu, Melba Godoi, Rafaella Sualdini e Caio Nobre Lisboa dividimos os equipamentos e funções nas realizações das filmagens nas atividades de campo. As filmagens foram realizadas na cidade de Rio Tinto-PB, na aldeia Jaraguá⁵, nos arredores e na casa de D. Zefinha e no lixão. Com a constante preocupação em relação ao registro da sua imagem, buscamos sempre o diálogo com a colaboradora e sua família para estabelecer alianças e zonas de conforto. Nossas preocupações estavam em torno da ética do documentário (FREIRE, 2012; MENDONÇA, 2012, 2014) e no compartilhamento de sua imagem (FALCÃO NETO; LISBOA; MENDONÇA, 2017) na rede mundial de computadores e televisiva. Desta maneira, nós propusemos que a colaboradora sempre direcionasse os nossos olhares e relatasse suas indagações sobre nosso trabalho e de como poderíamos melhor abordar a sua história.

¹ Mestre em Antropologia UFPB

² Bacharelada em Antropologia, UFPB

³ Para assistir ao documentário acessar o site: <http://www.futuraplay.org/video/memorias-visiveis/496083/>

⁴ Infelizmente, D. Zefinha faleceu no início do ano de 2021.

⁵ A aldeia pertence a cidade de Rio Tinto-PB.

Naquele momento os quatro estudantes de Antropologia⁶, tentaram e estabeleceram relações simétricas com a colaboradora no campo de pesquisa. Neste sentido, partíamos de um saber compartilhado (HIKIJ, 2013) que através da foto e vídeo - elicitção (BANKS, 2009; COLLIER JR., 1973) exibíamos as imagens produzidas na casa da moradora sempre que terminávamos as filmagens. Desta maneira, tínhamos a recepção, a concordância, a discordância e o retorno daquilo do que e do que não podíamos compartilhar e exibir.

Sendo assim, em meio as designações e funções no campo de trabalho, optei (José Muniz) por ficar responsável em montar um *making-off* do filme no registro fotográfico por uma Sony D-7000 com uma lente 50 mm. A ideia inicial era capturar os momentos de filmagem e as interlocuções com D. Zefinha e sua família na direção de formar um acervo fotográfico do nosso documentário. E com a organização do material separamos algumas fotografias para possíveis publicações. Nestas orientações, este ensaio visual apresenta um pouco da vida cotidiana de D. Zefinha, principal personagem do curta-metragem. Com o objetivo de evocar sua cotidianidade e suas vivências, o trabalho expressa a partir da estética fotográfica, as reações e experiências cotidianas de nossa colaboradora na construção do filme *Memórias Visíveis*.

Concomitantemente, propõe-se refletir como a fotografia expressa a relação da personagem com a câmera e sua função enquanto método de interpretação antropológica. Quais imaginários podemos construir a partir destas fotografias? (TACCA, 2002) Diante do caráter polissêmico das imagens e sua utilização não como ilustração, mas como ferramenta de pesquisa, de que maneira o discurso verbal e visual se correlacionam (SAMAIN, 1995, 1999) na orientação do olhar do espectador e do leitor desconhecido? Até que ponto a fotografia consegue apresentar e representar a realidade de uma circunstância social? Estas são também algumas das reflexões que pretendemos evocar a partir deste ensaio visual. Portanto, exibiremos a seguir, as fotografias e suas respectivas legendas revelando a complementaridade (Ibdem, 1995, 1999) da linguagem visual e verbal.

⁶ Raffaella Sualdini e Melba Godoi graduandas do curso de bacharel em Antropologia pela Universidade Federal da Paraíba - Campus IV/Rio Tinto, ambas atualmente na fase final do curso, Caio Nobre Lisboa e José Muniz Falcão Neto estudantes de Pós-Graduação em Antropologia pela UFPB/Campus IV e I/Rio Tinto e João Pessoa, defenderam suas respectivas dissertações no ano de 2019. Todxs vinculados ao grupo de pesquisa da UFPB AVAEDOC (Antropologia Visual, Artes, Etnografias e Documentários) localizado na UFPB cidade de Rio Tinto.

Leitura da fotografia da direita à esquerda. Melba Godoi, Caio Nobre Lisboa e D. Zefinha. Após as primeiras filmagens dentro e fora de sua casa, mostramos para a colaboradora algumas das imagens que produzimos. Esta foi uma das maneiras que conquistamos a confiança da colaboradora e compartilhamos o nosso trabalho. Nesses momentos tínhamos o feedback da personagem e percebíamos sua experiência de se ver por um outro espelho, um reflexo que a tornou imortalizada pela produção, edição e compartilhamento de sua imagem.





O olhar de D. Zefinha vai na direção da lente da câmera e expressa as difíceis e delicadas negociações para o consentimento de registrar sua vida cotidiana. Revela-se, assim, a dificuldade e incômodo da personagem de aceitar-se à frente da câmera. "*Ô homi, pare com isso!*" "*E vai filmar isso tudinho, é?*"

Mais uma expressão de D. Zefinha demonstrando sua relação com a câmera, manifestando sua beleza e a luta na vida cotidiana pelo seu direito à aposentadoria. Mulher aguerrida que além da companhia de sua família, tem seu cachimbo que lhe acompanha durante as suas atividades. Esta fotografia foi antes de começarmos a segui-la até o lixão. Sua postura e olhar direto à lente da câmera, evoca sua permissão, colaboração e imposição na direção da cena. *"E aí, vamos?"*





Melba Godoi carregando um tripé, Caio Nobre manipulando a câmera e Zefinha subindo e nos guiando. Enquanto os dois operavam a câmera filmadora com D. Zefinha, procurei instantes que também expressassem nossa formação no set e o contexto geográfico e ecológico que estávamos inseridos. Direcionados pela colaboradora, seguíamos chão à dentro completamente surpreendidos pelo longo caminho que a trabalhadora atravessava para chegar no local de trabalho.

Após vários minutos de caminhada, paramos para descansar e contemplar a cidade de Rio Tinto de cima do relevo. Foi aí que percebi D. Zefinha parada olhando para o horizonte com todo o seu material de trabalho, muito bem à vontade com as nossas câmeras. A fotografia foi capturada deste ângulo para expressar a grandeza e persistência da personagem.





Atentos e parados na PB-041 para atravessar a pista e seguir a caminhada. Neste momento estávamos nos limítrofes da cidade de Marcação - PB. Mas enganado por não conhecer o carro do lixo que descarregava no lixão, esperei esta caçamba passar pensando que este era o carro que fazia a coleta. O objetivo foi enquadrar e capturar D. Zefinha em primeiro plano com a caçamba

D. Zefinha em plena função de suas atividades. Uma das suas ferramentas de trabalho: um pau com duas garras de ferro que formam um gancho para puxar o lixo de cima do caminhão.





À procura dos alumínios, plásticos e outros objetos que poderiam ser trocados por dinheiro. Era assim que D. Zefinha conseguia seu sustento. A calça e as botas demonstram a necessidade de uma roupa que permita caminhar no terreno insalubre com segurança.

A batalha diária da moradora de conseguir suas moedas de troca. D. Zefinha deixou sempre claro que exercia sua atividade com muita dignidade e que apesar de querer sair destas condições, ela gostava do ambiente de trabalho, pois lá fez amigos e construiu boas memórias. A ambiguidade do seu discurso expõe narrativas e dinâmicas sobre as atividades dos catadores de recicláveis, que são as sociabilidades, o lazer e as relações de afeto formadas neste local.





As narrativas oficiais sobre as atividades dos catadores no lixão, contém pesos e medidas e são direcionadas muitas vezes, por aparelhos televisivos que promovem a partir da pobreza o espetáculo midiático, construindo assim, um imaginário sobre estas pessoas. Além dos direitos sociais, xs trabalhadorxs possuem direitos sobre o uso das suas imagens. No lixão há inúmeros objetos que são descartados pela sociedade riointense.

BANKS, Marcus. O Lugar dos dados visuais em pesquisa Social: uma breve história. In: BANKS, Marcus (Org). **Dados Visuais para Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 36-51.

COLLIER JR. Jhon. **Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa**. São Paulo, EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.

DE TACCA, Fernando. Rituaes e festas Bororo. A construção da imagem do índio como “selvagem” na Comissão Rondon. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, V. 45 nº 1. p. 187 – 219, 2002.

FALCÃO NETO; LISBOA; MENDONÇA. Fotografias, Cinemas, Fanfarras e sítios eletrônicos. Notas sobre acervos, pesquisas e compartilhamento em Rio Tinto. **Revista Mundaú**, n.3, p.87-105, 2017.

FREIRE, Marcius. Ética e documentário. In: **Documentário: Estética, ética e representação**. São Paulo: Annablume, 2012.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana. Rouch compartilhado: premonições e provocações para uma antropologia contemporânea. **Illuminuras**, Porto Alegre, v.14, n.32, p.113-122, 2013.

MENDONÇA, João Martinho Braga. Ética, oralidade e pesquisa fotográfica. **Illuminuras**, Porto Alegre, v.13, n.31, p.85-100, 2012.

_____. Pesquisa fotográfica e fílmica no litoral norte da Paraíba. In: (Orgs) FERRAZ, Ana Lúcia de; MENDONÇA, João Martinho de. **Antropologia Visual: Perspectivas de ensino e pesquisa**. Brasília- DF:ABA, p. 439-471, 2014.

SAMAIN, Etienne. Ver e dizer na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995.

_____. **O risco do texto e imagem – Em torno de Balinese Character (1942) de Gregory Bateson e Margareth Mead**. UFMG, 1999.